

Aula 15 – Análise da Materialidade Linguística (Parte 1)

Você já parou para pensar que as palavras que usamos não são apenas veículos neutros de informação? Elas são como tijolos que constroem a realidade, carregam histórias, ideologias e até mesmo intenções ocultas. Em um mundo onde somos bombardeados por notícias, posts em redes sociais e discursos políticos, entender como essas palavras são escolhidas e organizadas é uma habilidade poderosa.

Esta aula é o seu convite para ir além do que é dito e mergulhar no "como" é dito. Vamos explorar a **materialidade linguística**, ou seja, a forma concreta como a linguagem se manifesta e produz sentidos. É como ter um raio-X para desvendar as camadas mais profundas de qualquer texto ou fala, seja um meme viral ou um artigo científico.

Ao final desta jornada, você será capaz de identificar e analisar os aspectos lexicais e semânticos de um discurso, compreendendo como a escolha de palavras, metáforas e campos semânticos molda a percepção. Além disso, aprenderá a reconhecer as marcas de modalização que revelam certeza, dúvida ou autoridade, e a interpretar os efeitos de sentido dos tempos e vozes verbais. Prepare-se para ver a linguagem com novos olhos, transformando sua capacidade de leitura crítica e análise.

Nesta primeira parte, vamos mapear o terreno da materialidade linguística, focando nas escolhas de vocabulário, nas figuras de linguagem que pintam quadros mentais e nas nuances que revelam a atitude do falante.

Conectaremos esses conceitos com o que você já sabe sobre a importância da comunicação, mas agora com um olhar mais técnico e aprofundado, essencial para quem busca excelência acadêmica e profissional.

O Poder Invisível das Palavras: Introdução à Materialidade Linguística

Imagine que você está em um tribunal, e a diferença entre a liberdade e a condenação de alguém pode depender de uma única palavra, de uma vírgula, ou da forma como uma frase foi construída. Ou pense em como um slogan publicitário, com apenas algumas palavras, consegue evocar sentimentos e impulsionar decisões de compra. As palavras não são meros sons ou símbolos; elas são atos, ferramentas que moldam percepções, constroem identidades e exercem poder.

No campo da Análise do Discurso, a **materialidade linguística** é o nosso ponto de partida para desvendar esses processos. Ela nos convida a olhar para o texto não apenas como um conjunto de ideias, mas como uma estrutura concreta, palpável, onde cada escolha – da letra ao parágrafo – é significativa. É a gramática, o vocabulário, a pontuação, a entonação; tudo aquilo que podemos "tocar" na linguagem.



📄 💡 **Ponto-chave:** Entender a materialidade linguística é como aprender a ler as entrelinhas do mundo. É perceber que, por trás de cada notícia, de cada post em rede social, de cada discurso político, há uma série de decisões linguísticas que foram tomadas, consciente ou inconscientemente, para produzir um determinado efeito de sentido.

Esta abordagem é crucial para estudantes universitários que precisam de uma visão aprofundada da linguagem e para candidatos a concursos que enfrentam provas de interpretação textual complexas. Ela nos equipa com as ferramentas para não sermos apenas consumidores passivos de informação, mas sim leitores críticos e produtores de sentido conscientes.

A Escolha das Palavras: Lexia e Semântica em Foco

Você já se pegou pensando por que um jornalista escolheu usar "confronto" em vez de "discussão", ou por que um político preferiu "reajuste" a "aumento"? Essas não são escolhas aleatórias. Cada palavra carrega consigo um universo de significados, conotações e associações que podem alterar drasticamente a forma como uma mensagem é recebida e interpretada.

Lexia

A seleção de palavras individuais (vocabulário)

Semântica

O significado das palavras e suas relações

A **lexia** refere-se à seleção de palavras individuais (o vocabulário), enquanto a **semântica** explora o significado dessas palavras e como elas se relacionam entre si para construir sentido. Juntas, elas formam a base da materialidade linguística, pois é através delas que as ideologias e os posicionamentos se manifestam de forma mais direta no discurso. É como um chef que escolhe cuidadosamente cada ingrediente de uma receita: a qualidade e o tipo de cada um definirão o sabor final do prato.

Ao analisar as escolhas lexicais e semânticas, não estamos apenas verificando o dicionário. Estamos investigando por que certas palavras são privilegiadas em detrimento de outras, quais efeitos de sentido essa preferência gera e como ela se alinha (ou não) com o contexto e os objetivos do discurso.

Por exemplo, usar "pacote de maldades" em vez de "medidas de austeridade" já revela uma postura crítica e um desejo de mobilizar a opinião pública contra as propostas.

Essa análise é fundamental para qualquer profissional que lide com comunicação, desde a criação de conteúdo até a interpretação de documentos complexos. Ela permite desvendar as intenções por trás das palavras, identificar vieses e compreender a construção da realidade através da linguagem.

Além do Dicionário: Os Campos Semânticos e Suas Redes de Sentido

As palavras raramente vivem isoladas. Elas se agrupam em famílias, em redes de significado que chamamos de **campos semânticos**. Pense em como as palavras "guerra", "batalha", "conflito", "armistício", "paz" estão interligadas. Elas não significam a mesma coisa, mas todas orbitam em torno de um tema comum, influenciando-se mutuamente e evocando um conjunto de ideias relacionadas.

Campo Semântico Militarizado

- Combate
- Inimigo
- Guerra às drogas
- Confronto
- Ataque

Sugere abordagem de confronto e punição


Campo Semântico Social

- Prevenção
- Reintegração
- Oportunidade
- Comunidade
- Apoio

Apona para soluções estruturais

Um campo semântico é, portanto, um conjunto de palavras que compartilham um núcleo de significado, mas se diferenciam por nuances ou aspectos específicos. Analisar esses campos nos permite entender como um discurso constrói uma determinada visão de mundo. Por exemplo, em um debate sobre segurança pública, o uso predominante de termos como "combate", "inimigo", "guerra às drogas" evoca um campo semântico militarizado, sugerindo uma abordagem de confronto e punição.

Por outro lado, se o discurso utiliza termos como "prevenção", "reintegração", "oportunidade", "comunidade", ele aciona um campo semântico social, apontando para uma abordagem mais focada em causas e soluções estruturais. A escolha de um campo semântico sobre outro não é neutra; ela reflete e reforça ideologias, moldando a forma como o público percebe o problema e suas possíveis soluções.

 **Aplicação prática:** Essa compreensão é vital para quem precisa analisar discursos complexos, como relatórios governamentais, campanhas eleitorais ou debates acadêmicos. Ela permite identificar as "narrativas dominantes" e as "contra-narrativas" que se manifestam através das escolhas lexicais, revelando os valores e as prioridades subjacentes.

Metáforas e Metonímias: As Figuras que Moldam o Pensamento

A linguagem humana é rica em figuras de estilo que vão muito além do sentido literal. Entre elas, a **metáfora** e a **metonímia** são ferramentas poderosíssimas na construção de sentido, especialmente em discursos que buscam persuadir, emocionar ou simplificar ideias complexas. Elas não são apenas ornamentos literários; são mecanismos cognitivos que nos ajudam a compreender o mundo.

Metáfora

Uma ponte que conecta dois domínios de sentido aparentemente distintos, permitindo-nos entender um conceito abstrato em termos de algo mais concreto e familiar.

Exemplo: "O tempo é dinheiro" – expressa que o tempo é um recurso valioso que pode ser gasto ou investido.

Metonímia

Opera pela substituição de um termo por outro com o qual ele mantém uma relação de proximidade, seja de causa e efeito, parte pelo todo, autor pela obra, ou continente pelo conteúdo.

Exemplo: "Li Machado de Assis" em vez de "li a obra de Machado de Assis".

A metáfora, por exemplo, é como uma ponte que conecta dois domínios de sentido aparentemente distintos, permitindo-nos entender um conceito abstrato em termos de algo mais concreto e familiar. Quando dizemos que "o tempo é dinheiro", estamos usando uma metáfora para expressar a ideia de que o tempo é um recurso valioso que pode ser gasto ou investido. Essa figura de linguagem não apenas embeleza o discurso, mas também molda nossa percepção, fazendo-nos ver o tempo sob uma nova ótica.

Já a metonímia opera pela substituição de um termo por outro com o qual ele mantém uma relação de proximidade, seja de causa e efeito, parte pelo todo, autor pela obra, ou continente pelo conteúdo. Dizer "li Machado de Assis" em vez de "li a obra de Machado de Assis" é um exemplo clássico. Essas figuras são tão intrínsecas à nossa comunicação que muitas vezes as usamos sem perceber, mas seus efeitos no discurso são profundos, capazes de evocar imagens, sentimentos e associações de forma concisa e impactante.

Compreender o uso de metáforas e metonímias é essencial para decifrar as camadas mais profundas de um discurso. Elas revelam como os falantes tentam construir uma realidade, influenciar emoções e simplificar argumentos, sendo ferramentas cruciais na análise de textos jornalísticos, políticos e publicitários.

Metáforas em Ação: Discursos Políticos e Midiáticos

As metáforas são onipresentes, especialmente em contextos onde a persuasão é chave, como na política e na mídia. Elas têm o poder de condensar argumentos complexos em imagens vívidas e facilmente compreensíveis, tornando o discurso mais memorável e impactante. No entanto, essa capacidade também as torna ferramentas potentes para a manipulação e a construção de narrativas específicas.



Metáfora de Guerra

"Guerra contra a pobreza",
"guerra contra as drogas",
"guerra contra a corrupção"

Dramatiza a situação e sugere medidas drásticas, "inimigos" a serem combatidos e "vitórias" a serem alcançadas.



Personificação da Natureza

"A fúria da natureza"

Personifica a natureza e, por vezes, minimiza a responsabilidade humana em desastres.



Analogias Econômicas

"Mercado aquecido",
"economia em recessão"

Usa analogias de temperatura e saúde para descrever fenômenos complexos de forma acessível.

Pense em como a política frequentemente usa metáforas de "guerra" para descrever desafios sociais: "guerra contra a pobreza", "guerra contra as drogas", "guerra contra a corrupção". Ao empregar essa metáfora, o discurso não apenas dramatiza a situação, mas também sugere a necessidade de medidas drásticas, de "inimigos" a serem combatidos e de "vitórias" a serem alcançadas. Isso pode desviar a atenção de soluções mais complexas e multifacetadas, focando em um modelo de confronto.

Da mesma forma, a mídia utiliza metáforas para enquadrar eventos. Um desastre natural pode ser descrito como "a fúria da natureza", personificando-a e, por vezes, minimizando a responsabilidade humana. Ou, em economia, fala-se em "mercado aquecido" ou "economia em recessão", usando analogias de temperatura e saúde para descrever fenômenos complexos de forma acessível, mas que podem simplificar demais a realidade.



Análise crítica: A análise dessas metáforas nos permite questionar: que visão de mundo está sendo construída? Quais aspectos estão sendo realçados e quais estão sendo obscurecidos? Essa é uma habilidade crítica para qualquer pessoa que busca entender as forças que moldam a opinião pública e as decisões coletivas.

Metonímias e a Construção da Realidade

Assim como as metáforas, as metonímias são mais do que figuras de linguagem; elas são atalhos cognitivos que usamos para nos referir a conceitos complexos de forma concisa. No entanto, essa concisão pode ter implicações significativas na forma como a realidade é apresentada e percebida, especialmente em discursos midiáticos e políticos.



"Brasília decidiu"

Representa o governo, criando distância e impessoalidade



"O povo nas ruas"

Pode dar falsa impressão de unanimidade

Considere a frase "Brasília decidiu aumentar os impostos". Aqui, "Brasília" é uma metonímia que representa o governo, o congresso ou as instituições políticas localizadas na capital. Ao usar "Brasília", o discurso pode criar uma sensação de distância e impessoalidade, obscurecendo os agentes específicos (políticos, partidos, burocratas) que tomaram a decisão. Isso pode ser uma estratégia para diluir a responsabilidade ou para generalizar uma ação como sendo de uma entidade abstrata.

Outro exemplo comum é quando se diz "o povo nas ruas", referindo-se a um grupo específico de manifestantes. A metonímia "o povo" pode dar uma falsa impressão de unanimidade ou representatividade universal, quando na verdade se trata de uma parcela da população. Essa escolha linguística tem o poder de legitimar ou deslegitimar movimentos sociais, dependendo do contexto e da intenção do falante.

A análise das metonímias nos ajuda a identificar como os discursos simplificam a realidade, atribuem ou retiram agência, e constroem representações de grupos e instituições. Para o analista do discurso, é uma ferramenta para desvendar as estratégias de enquadramento e persuasão que operam nas entrelinhas da comunicação cotidiana.



Modalização: As Marcas da Certeza, Dúvida e Autoridade no Discurso

Quando nos comunicamos, raramente nos limitamos a apresentar fatos de forma neutra. Expressamos nossas atitudes, crenças, certezas ou incertezas em relação ao que dizemos. Essa dimensão da linguagem é o que chamamos de **modalização**. Ela se manifesta através de escolhas lexicais, verbais e adverbiais que revelam a postura do falante em relação ao conteúdo de sua própria enunciação.

Certeza

- Certamente
- Sem dúvida
- É imperativo
- Devemos

Possibilidade

- Provavelmente
- Talvez
- É possível que
- Pode ser

Obrigaçã

- Precisamos
- É necessário
- Temos que
- Deve-se

A modalização é como um termômetro que mede a temperatura da convicção ou da hesitação no discurso. Palavras como "certamente", "provavelmente", "talvez", "é possível que", "devemos" ou "precisamos" são marcadores de modalidade. Elas não apenas adicionam nuances de sentido, mas também posicionam o falante, conferindo-lhe autoridade, expressando dúvida ou impondo uma obrigação.

Por exemplo, um discurso que afirma "É imperativo que tomemos medidas urgentes" expressa uma modalidade de obrigação e certeza, buscando mobilizar o ouvinte. Já a frase "Talvez seja necessário considerar outras opções" introduz uma modalidade de dúvida ou possibilidade, abrindo espaço para a negociação.

A análise da modalização é crucial porque ela nos permite identificar a subjetividade presente em qualquer discurso, mesmo naqueles que se pretendem objetivos.

Para estudantes e profissionais, essa análise é uma chave para desvendar as intenções comunicativas, as estratégias de persuasão e os posicionamentos ideológicos subjacentes. Ela nos ajuda a questionar: quem está falando? Qual é a sua postura? E como essa postura busca influenciar a minha percepção?

A Voz da Autoridade: Modalização e Poder

A modalização não é apenas uma questão de expressar sentimentos; ela é uma ferramenta poderosa na construção e contestação da autoridade. Em muitos contextos, a forma como um falante modaliza seu discurso pode determinar se ele será percebido como confiável, competente ou dominante.



Contexto Científico

"Os dados **sugerem** que..." – cautela metodológica

"Os resultados **comprovam** que..." – alto grau de certeza



Contexto Político

"Nós **vamos** resolver" – confiança e determinação

"Eles **parecem** incapazes" – minar autoridade do adversário

Em um texto científico, por exemplo, a modalização é frequentemente usada para expressar graus de certeza sobre os resultados de uma pesquisa. Frases como "Os dados **sugerem** que..." ou "É **provável** que..." indicam cautela e rigor metodológico, enquanto "Os resultados **comprovam** que..." denotam um alto grau de certeza. A escolha entre essas modalidades pode afetar a credibilidade do estudo e a forma como suas conclusões são aceitas pela comunidade acadêmica.

No discurso político, a modalização é empregada para construir a imagem de um líder forte e decidido ou, inversamente, para semear a dúvida sobre um adversário. Um político pode usar "Nós **vamos** resolver este problema" para projetar confiança e determinação, enquanto um opositor pode dizer "Eles **parecem** incapazes de apresentar soluções concretas" para minar a autoridade do outro.



Insight: A capacidade de identificar e analisar a modalização permite ao analista do discurso desvendar as estratégias de poder e influência que operam na linguagem. Ela nos ajuda a perceber como a autoridade é construída, mantida ou desafiada através de escolhas linguísticas sutis, mas impactantes, em diversos ambientes, do acadêmico ao digital.

Tempos Verbais: Cronologia, Perspectiva e Seus Efeitos de Sentido

Os tempos verbais são muito mais do que meros marcadores de quando uma ação ocorreu. Eles são ferramentas discursivas que permitem ao falante construir diferentes perspectivas sobre os eventos, manipular a cronologia e evocar emoções específicas. A escolha entre o passado, o presente ou o futuro pode alterar fundamentalmente a forma como uma narrativa é percebida e interpretada.

01

Presente Histórico

"Em 1888, a Princesa Isabel **assina** a Lei Áurea" – confere vivacidade e atualidade ao fato, aproximando o leitor do evento.

02

Futuro como Promessa

"Nós **faremos** um futuro melhor" – inspira esperança e compromisso.

03

Futuro como Advertência

"As consequências **serão** graves" – expressa ameaça ou previsão negativa.

Pense no uso do **presente histórico** em notícias ou narrativas: "Em 1888, a Princesa Isabel **assina** a Lei Áurea." Embora o evento tenha ocorrido no passado, o uso do presente confere vivacidade e atualidade ao fato, como se estivesse acontecendo agora, aproximando o leitor do evento e tornando-o mais impactante. Essa é uma estratégia comum para tornar a história mais envolvente e imediata.

Da mesma forma, o **futuro** pode ser usado não apenas para indicar eventos vindouros, mas também para expressar promessas, ameaças ou previsões com diferentes graus de certeza. "Nós **faremos** um futuro melhor" é uma promessa política que busca inspirar esperança, enquanto "As consequências **serão** graves" pode ser uma advertência. A análise dos tempos verbais nos permite entender como o discurso constrói a temporalidade e, com ela, a urgência, a relevância ou a inevitabilidade dos eventos.

Essa dimensão da materialidade linguística é crucial para a análise de textos jornalísticos, históricos e políticos, onde a manipulação do tempo verbal pode ser uma estratégia para enquadrar eventos, atribuir responsabilidades ou projetar cenários futuros.

Tempos Verbais e a Construção da Narrativa

A forma como os tempos verbais são empregados em um texto é um elemento chave na construção da narrativa e na maneira como o leitor é guiado através dos eventos. Diferentes escolhas temporais podem criar efeitos de distanciamento, proximidade, urgência ou atemporalidade, influenciando diretamente a interpretação do discurso.

Relatório Policial

"O suspeito **entrou** na loja e **roubou** o dinheiro"


Pretérito perfeito: objetividade e finalização do evento

Depoimento de Testemunha

"Eu **vejo** o suspeito entrar, ele **pega** o dinheiro"

Presente: vivacidade e imediatez da experiência

Considere a diferença entre um relatório policial que descreve um crime usando o pretérito perfeito ("O suspeito **entrou** na loja e **roubou** o dinheiro") e um depoimento de testemunha que pode usar o presente ("Eu **vejo** o suspeito entrar, ele **pega** o dinheiro"). O relatório busca objetividade e finalização do evento, enquanto o depoimento, mesmo que relatando um passado, pode usar o presente para transmitir a vivacidade e a imediatez da experiência, como se o evento estivesse sendo revivido.

 **Reflexão:** Em discursos ideológicos, o uso do presente pode ser uma forma de universalizar ou naturalizar certas ideias, apresentando-as como verdades atemporais. Frases como "A família **é** a base da sociedade" utilizam o presente para conferir um caráter de permanência e inquestionabilidade à afirmação, mesmo que ela seja culturalmente construída e historicamente variável.

A análise dos tempos verbais, portanto, vai além da gramática. Ela nos permite desvendar as escolhas estratégicas do falante para construir uma determinada versão da realidade, manipular a percepção do tempo e influenciar a adesão do público às ideias apresentadas. É uma ferramenta essencial para quem busca uma compreensão profunda da dinâmica discursiva.

Vozes Verbais: Quem Age e Quem Sofre?

A escolha entre a voz ativa e a voz passiva é uma das decisões mais significativas na materialidade linguística, pois ela determina quem ou o que é colocado em destaque no discurso: o agente da ação ou o paciente que sofre a ação. Essa escolha não é meramente estilística; ela tem profundas implicações na atribuição de responsabilidade, na construção da agência e na forma como os eventos são apresentados.

Voz Ativa

O sujeito da frase é o agente que realiza a ação.

Exemplo: "O governo **aumentou** os impostos"

- ✓ Clareza na atribuição de responsabilidade
- ✓ Discurso mais direto e incisivo
- ✓ Agente claramente identificado

Voz Passiva

O sujeito da frase é o paciente que sofre a ação.

Exemplo: "Os impostos **foram aumentados** (pelo governo)"

- ✓ Pode omitir o agente
- ✓ Suaviza a culpa
- ✓ Generaliza o evento

Na **voz ativa**, o sujeito da frase é o agente que realiza a ação ("O governo **aumentou** os impostos"). Aqui, o governo é claramente identificado como o responsável pela ação. Essa construção confere clareza e atribui diretamente a agência, tornando o discurso mais direto e, muitas vezes, mais incisivo.

Na **voz passiva**, o sujeito da frase é o paciente que sofre a ação, e o agente pode ser omitido ou introduzido por um adjunto ("Os impostos **foram aumentados** pelo governo" ou simplesmente "Os impostos **foram aumentados**"). Quando o agente é omitido, a voz passiva pode ser usada para desviar a atenção do responsável pela ação, suavizar a culpa ou generalizar o evento, como se ele tivesse ocorrido por si só.

Essa distinção é crucial para a análise crítica do discurso, pois revela como os falantes podem manipular a percepção da responsabilidade. Em contextos políticos ou empresariais, a voz passiva é frequentemente empregada para mitigar a culpa ou evitar a confrontação direta, enquanto a voz ativa é usada para atribuir méritos ou culpas de forma explícita.

Voz Ativa vs. Voz Passiva: Implicações Discursivas

A alternância entre a voz ativa e a voz passiva é uma estratégia discursiva poderosa, especialmente em contextos onde a atribuição de responsabilidade e a construção da imagem são cruciais. A escolha de uma voz em detrimento da outra pode ter um impacto significativo na percepção pública de um evento ou de um agente.

Cenário de Crise

Voz Passiva: "Erros **foram cometidos**"

Suaviza responsabilidade, torna a ação abstrata

Assunção de Culpa

Voz Ativa: "Nós **cometemos** erros"

Assume culpa diretamente, transparência

Pense em um cenário de crise. Um comunicado oficial pode preferir a frase "Erros **foram cometidos**" (voz passiva, agente omitido) em vez de "Nós **cometemos** erros" (voz ativa). A primeira opção suaviza a responsabilidade, tornando a ação mais abstrata e menos ligada a um agente específico. Já a segunda opção assume a culpa diretamente, o que pode ser uma estratégia de transparência ou de gestão de crise.

Reportagem Jornalística

"A cidade **foi atingida** por uma forte tempestade"

Foco na cidade e na tempestade (vítima)

Reportagem Jornalística

"A tempestade **atingiu** a cidade"

Foco na tempestade como agente (força)

Em reportagens jornalísticas, a voz passiva pode ser usada para dar um tom de objetividade ou para focar no impacto de um evento, em vez de seu causador. Por exemplo, "A cidade **foi atingida** por uma forte tempestade" (foco na cidade e na tempestade) é diferente de "A tempestade **atingiu** a cidade" (foco na tempestade como agente). A primeira pode evocar mais empatia pela vítima (a cidade), enquanto a segunda enfatiza a força do fenômeno.

A análise das vozes verbais, portanto, é uma ferramenta essencial para desvendar as estratégias de enquadramento e as intenções subjacentes em qualquer discurso. Ela nos permite questionar: quem está sendo responsabilizado (ou não)? Quem está sendo empoderado (ou silenciado)? E como essa escolha linguística molda a nossa compreensão da realidade?

Integrando Vertentes: ADF e ACD na Análise da Materialidade

A Análise do Discurso não é um campo monolítico; ela se desdobra em diversas vertentes, cada uma com suas particularidades teóricas e metodológicas. Duas das mais influentes são a Análise do Discurso de linha francesa (ADF) e a Análise Crítica do Discurso (ACD) de vertente anglo-saxônica. Ambas, à sua maneira, se debruçam sobre a materialidade linguística, mas com ênfases e objetivos distintos.

ADF

Análise do Discurso Francesa

Base: Pêcheux, Althusser

Foco: Relação entre linguagem, ideologia e inconsciente

Para a ADF, a materialidade linguística não é apenas a superfície do texto, mas o lugar onde a ideologia se inscreve e onde o sujeito é interpelado. A escolha de uma palavra, de uma estrutura sintática, é vista como um efeito de forma que remete a formações discursivas específicas, que por sua vez são determinadas por formações ideológicas.

A análise busca desvendar como a linguagem "fala" através do sujeito, revelando os processos de sujeição.

ACD

Análise Crítica do Discurso


Base: Fairclough, Wodak

Foco: Relação linguagem-poder-sociedade

A ACD tem um compromisso explícito com a crítica social. Ela analisa a materialidade linguística para expor como o discurso constrói e reproduz relações de poder, dominação e desigualdade. A ACD investiga as escolhas lexicais, gramaticais e textuais como evidências de estratégias discursivas que mantêm ou desafiam estruturas sociais.

O foco é menos no inconsciente e mais na ação social e na transformação.

Conceito	Âmbito/Aplicação	Base/Origem	Foco na Materialidade Linguística
ADF	Relação linguagem-ideologia-sujeito	Pêcheux, Althusser	Inscrição da ideologia nas formas linguísticas; efeitos de sentido
ACD	Relação linguagem-poder-sociedade	Fairclough, Wodak	Exposição de como as escolhas linguísticas reproduzem/desafiam poder

 **Integração:** Embora distintas, essas vertentes dialogam e se complementam. Ambas nos ensinam que a linguagem nunca é neutra e que suas formas materiais são cruciais para entender como a sociedade funciona e como podemos intervir nela. A integração dessas perspectivas enriquece nossa capacidade de análise, permitindo uma compreensão mais completa dos fenômenos discursivos.

Discurso e Digitalização: A Materialidade no Mundo Online

O ambiente digital transformou radicalmente a forma como nos comunicamos e, conseqüentemente, a materialidade linguística dos discursos contemporâneos. Redes sociais, aplicativos de mensagens, blogs e plataformas de vídeo não são apenas novos canais; eles impõem novas lógicas de produção e circulação de sentido, exigindo uma análise atenta às suas particularidades.

- **Velocidade e Efemeridade**

Linguagens concisas, diretas e fragmentadas

- **Emojis e Hashtags**

Constroem identidades e modalizam textos

- **Materialidade Híbrida**

Integração de texto, imagem, vídeo, GIFs e memes

A velocidade e a efemeridade do discurso digital, por exemplo, favorecem o uso de linguagens mais concisas, diretas e muitas vezes fragmentadas. A escolha de emojis, hashtags, abreviações e gírias não é aleatória; ela faz parte da materialidade linguística que constrói identidades, estabelece pertencimentos e veicula mensagens de forma rápida e impactante. Um simples "kkkk" ou um emoji de risada pode modalizar um texto, indicando ironia, leveza ou até mesmo desdém.

Além disso, a integração de elementos visuais (imagens, vídeos, GIFs, memes) com o texto cria uma materialidade híbrida, onde o sentido emerge da interação entre diferentes semioses. Um meme, por exemplo, é um complexo artefato discursivo cuja materialidade linguística (texto, fonte, imagem, contexto de circulação) é indissociável de sua capacidade de gerar humor, crítica ou desinformação.

A análise do discurso digital, portanto, precisa expandir seu olhar para além do texto escrito, abraçando essa materialidade multifacetada. É um campo em constante evolução, essencial para compreender a construção de identidades, a disseminação de informações (e desinformações) e o exercício do poder no século XXI.

Mememes e Fake News: A Materialidade da Desinformação

No cenário digital, os memes e as fake news são exemplos contundentes de como a materialidade linguística é explorada para construir e disseminar discursos com grande poder de influência, muitas vezes com o objetivo de desinformar ou manipular. A análise desses fenômenos exige um olhar atento às escolhas lexicais, semânticas e modais que os tornam tão eficazes.



Mememes

Características:

- Natureza viral e multimodal
- Materialidade concisa e impactante
- Fonte específica + vocabulário coloquial
- Modalização implícita (ironia, humor, crítica)

Podem reforçar estereótipos ou disseminar preconceitos de forma velada.



Fake News

Estratégias:

- Títulos sensacionalistas
- Palavras que evocam emoções fortes
- Citações falsas
- Modalização como fatos ("É um fato que...")

Constroem narrativas simplificadas e polarizadoras.

Os **memes**, por sua natureza viral e multimodal, utilizam a materialidade linguística de forma concisa e impactante. A escolha de uma fonte específica, de um vocabulário coloquial ou de uma frase de efeito, combinada com uma imagem ou vídeo, cria um sentido que é rapidamente apreendido e compartilhado. A modalização, muitas vezes implícita, pode ser de ironia, humor ou crítica, mas também pode ser usada para reforçar estereótipos ou disseminar preconceitos de forma velada.

As **fake news**, por sua vez, exploram a materialidade linguística para simular a credibilidade de notícias reais. Isso pode envolver o uso de títulos sensacionalistas, a escolha de palavras que evocam emoções fortes (medo, raiva, indignação), a atribuição de citações falsas ou a modalização de afirmações como se fossem fatos incontestáveis ("É um fato que...", "Não há dúvidas de que..."). A análise das metáforas e dos campos semânticos também é crucial para desvendar como as fake news constroem narrativas simplificadas e polarizadoras.



Defesa crítica: Compreender a materialidade linguística desses fenômenos é uma habilidade essencial para navegar no ambiente digital. Ela nos capacita a identificar as estratégias de desinformação, a questionar as narrativas dominantes e a contribuir para um consumo de informação mais crítico e consciente, combatendo a construção de identidades e poder baseadas em falsidades.

Interseccionalidade: A Linguagem e as Categorias Sociais

A linguagem não é apenas um espelho da sociedade; ela é um agente ativo na construção e reprodução das categorias sociais, como gênero, raça, classe e sexualidade. A Análise do Discurso, ao se debruçar sobre a materialidade linguística, revela como as escolhas de palavras, as metáforas e as modalidades podem reforçar estereótipos, marginalizar grupos ou, inversamente, promover a inclusão e o reconhecimento.

A perspectiva da **interseccionalidade** nos convida a analisar como essas categorias se entrelaçam e se manifestam no discurso. Não basta analisar o gênero isoladamente, por exemplo, mas sim como o gênero se cruza com a raça, a classe ou a orientação sexual na construção de identidades e na experiência de discriminação. A materialidade linguística é o terreno onde essas intersecções se tornam visíveis.

Escolha de Pronomes

Reflete e constrói identidades de gênero

Termos Pejorativos

Perpetuam preconceitos e marginalização

Associações Lexicais

Naturalizam estereótipos sobre grupos sociais

Modalização Minimizadora

"Eles **apenas** reclamam" – deslegitima reivindicações

Por exemplo, a escolha de pronomes, a utilização de termos pejorativos ou a naturalização de certas associações lexicais podem perpetuar preconceitos. Analisar como a linguagem descreve mulheres em posições de poder versus homens, ou como se refere a grupos étnicos minoritários, revela as estruturas de poder e os vieses ideológicos presentes no discurso. A modalização também desempenha um papel: um discurso que minimiza a experiência de um grupo ("Eles **apenas** reclamam") deslegitima suas reivindicações.

A análise interseccional da materialidade linguística é uma ferramenta poderosa para desconstruir discursos discriminatórios e promover uma comunicação mais equitativa. Ela nos permite identificar as sutilezas da linguagem que constroem e refletem desigualdades, capacitando-nos a intervir de forma mais consciente e transformadora.

Desvendando Preconceitos: A Linguagem e as Identidades

A materialidade linguística é um campo fértil para a manifestação de preconceitos e a construção de identidades estigmatizadas. Muitas vezes, o preconceito não se expressa de forma explícita, mas se insinua através de escolhas lexicais sutis, metáforas depreciativas ou modalidades que desqualificam a experiência do outro.

Escolhas Lexicais

"Tumulto" vs. "Protesto"

Modaliza o evento, conferindo caráter negativo e deslegitimando reivindicações

Eufemismos

Podem reforçar estigma ao evitar nomeação direta e transparente


Campos Semânticos

Associação constante de grupos étnicos a:

- "Violência"
- "Crime"
- "Problema social"

Constrói identidade negativa, reforça estereótipos

Pense em como a escolha de um adjetivo pode carregar um peso ideológico. Chamar um movimento social de "tumulto" em vez de "protesto" já modaliza o evento, conferindo-lhe um caráter negativo e deslegitimando as reivindicações. Da mesma forma, o uso de eufemismos para se referir a grupos marginalizados pode, paradoxalmente, reforçar o estigma ao evitar a nomeação direta e transparente.

 **Metáforas Desumanizadoras:** As metáforas podem desumanizar, como quando se refere a pessoas como "pragas" ou "ameaças", facilitando a exclusão e a violência simbólica.

A análise de campos semânticos também é reveladora. Se um discurso associa constantemente um grupo étnico a termos como "violência", "crime" ou "problema social", ele constrói uma identidade negativa para esse grupo, reforçando estereótipos e justificando preconceitos. As metáforas, por sua vez, podem desumanizar, como quando se refere a pessoas como "pragas" ou "ameaças", facilitando a exclusão e a violência simbólica.

Ao aprofundar nossa análise da materialidade linguística, somos capazes de desvendar essas camadas de preconceito e discriminação. Essa capacidade é fundamental para quem busca atuar de forma ética e crítica em qualquer área, seja na educação, na comunicação ou na formulação de políticas públicas, contribuindo para a construção de discursos mais justos e inclusivos.

Síntese da Materialidade Linguística: Uma Ferramenta de Poder

Chegamos ao final desta primeira parte da nossa jornada pela materialidade linguística, e espero que você esteja vendo as palavras com outros olhos. Percorremos desde as escolhas mais básicas de vocabulário e seus campos semânticos, passando pelas poderosas figuras de linguagem como metáforas e metonímias, até as nuances da modalização que revelam atitudes e as implicações dos tempos e vozes verbais.



Compreendemos que cada decisão linguística é um ato de construção de sentido, nunca neutro, e que essas escolhas são intrinsecamente ligadas a ideologias, relações de poder e à forma como a realidade é percebida. Vimos como a Análise do Discurso, em suas vertentes ADF e ACD, nos oferece lentes para desvendar esses processos, e como o ambiente digital, com seus memes e fake news, exige uma atenção redobrada à materialidade híbrida dos discursos.

A integração da perspectiva interseccional nos mostrou que a linguagem é um terreno onde as categorias sociais se encontram e se manifestam, revelando preconceitos e construindo identidades. Em suma, a materialidade linguística não é um mero detalhe gramatical; é o cerne de como o poder se manifesta, como as verdades são construídas e como as sociedades se organizam.

Você agora possui um conjunto de ferramentas analíticas para ir além da superfície dos textos e das falas, desvendando as intenções, os vieses e as construções ideológicas que operam na linguagem. Esta é uma habilidade inestimável para qualquer estudante, profissional ou cidadão que busca uma compreensão mais profunda e crítica do mundo ao seu redor.

Consolidação e Autoavaliação

- 📄 **Em prática:** A análise da materialidade linguística permite que você identifique as escolhas de palavras e suas conotações, desvende as metáforas e metonímias que moldam o pensamento, reconheça as marcas de certeza ou dúvida no discurso e compreenda como os tempos e vozes verbais atribuem responsabilidade. Aplique essa lente crítica ao ler notícias, posts em redes sociais ou documentos oficiais para desvendar as intenções por trás das palavras.

Autoavaliação

01

Em um discurso político, o uso predominante de termos como "batalha", "inimigo" e "vitória" em relação a um problema social indica a ativação de qual recurso da materialidade linguística?

- a) Modalização de certeza.
- b) Uso de metonímia.
- c) Campo semântico militarizado.
- d) Voz passiva para ocultar o agente.

02

A frase "O mercado reagiu bem às novas medidas" utiliza uma figura de linguagem que atribui características humanas a um conceito abstrato. Qual é essa figura e qual seu efeito de sentido?

- a) Metonímia, para simplificar a complexidade econômica.
- b) Metáfora, para personificar o mercado e sugerir uma ação autônoma.
- c) Modalização de certeza, para validar as medidas.
- d) Voz ativa, para destacar a agência do mercado.

03

Ao analisar um artigo científico, a expressão "Os dados sugerem que pode haver uma correlação" demonstra qual aspecto da modalização?

- a) Certeza absoluta dos resultados.
- b) Dúvida ou possibilidade, indicando cautela metodológica.
- c) Autoridade inquestionável do pesquisador.
- d) Obrigação de aceitar a correlação.

04

Em uma notícia sobre um acidente, a manchete "Duas pessoas foram feridas na colisão" (sem mencionar o causador) prioriza qual aspecto da materialidade linguística e com qual efeito?

- a) Voz ativa, para atribuir responsabilidade ao agente.
- b) Metáfora, para dramatizar o evento.
- c) Voz passiva, para focar no paciente e, possivelmente, omitir o agente.
- d) Campo semântico de violência, para chocar o leitor.

05

Explique como a materialidade linguística de um meme pode contribuir para a disseminação de fake news, considerando aspectos lexicais e visuais.

(Questão dissertativa)

Gabarito



Questão 1

c) Campo semântico militarizado.



Questão 2

b) Metáfora, para personificar o mercado e sugerir uma ação autônoma.



Questão 3

b) Dúvida ou possibilidade, indicando cautela metodológica.



Questão 4

c) Voz passiva, para focar no paciente e, possivelmente, omitir o agente.

Questão 5 – Resposta Esperada:

A materialidade linguística de um meme contribui para a disseminação de fake news ao usar escolhas lexicais concisas e impactantes (ex: palavras-chave sensacionalistas, gírias) que, combinadas com elementos visuais (imagens manipuladas, fontes específicas), criam uma mensagem que parece autêntica e é facilmente compartilhável. A modalização implícita (ex: tom de humor ou indignação) pode gerar engajamento emocional, fazendo com que o receptor aceite a informação sem questionamento crítico, reforçando a narrativa falsa.

Conexão com a Próxima Aula



Aula 16

Análise da Materialidade Linguística (Parte 2)

Na próxima aula, aprofundaremos nossa compreensão, explorando a **materialidade sintática** (ordem das palavras, estruturas de frase), a **materialidade fonológica e prosódica** (som, ritmo, entonação) e a **materialidade gráfica** (tipografia, layout), expandindo ainda mais suas ferramentas de análise.

Recursos Adicionais

- **Livro:** "Análise do Discurso" de Eni Orlandi (para aprofundar na ADF).
- **Artigo:** "Análise Crítica do Discurso e a Semiótica Social" de Norman Fairclough (para entender a ACD).
- **Vídeo:** Documentários sobre fake news e desinformação (para ver a aplicação prática).

  **NOTA IMPORTANTE:** As informações regulatórias/legais/técnicas desta aula estão atualizadas até 2025. Consulte sempre fontes oficiais para verificar alterações.